

nara roesler



jaime lauriano

por que vocês não
sabem do lixo ocidental?

curadoria de igor simões

nara roesler new york

abertura 18 de janeiro, 2024

exposição 18 jan – 2 mar

jaime lauriano

por que vocês não sabem
do lixo ocidental?

A Nara Roesler Nova York tem o prazer de apresentar *Por que vocês não sabem do lixo ocidental?*, primeira individual de Jaime Lauriano em nos Estados Unidos, com curadoria de Igor Simões. A mostra reúne em torno de dez trabalhos, entre pinturas e esculturas e um vídeo que são recentes desdobramentos da pesquisa do artista, desenvolvidos principalmente ao longo do último ano.

Com título extraído do primeiro verso da canção *Para Lennon e McCartney*, de Milton Nascimento, a exposição tem como foco trabalhos que se debruçam sobre a formação do imaginário da sociedade brasileira. Numa perspectiva decolonial, Lauriano trabalha sobre questões da atualidade sempre levando em conta o passado da sociedade brasileira e latino americana, fundadas na exploração colonial e na escravidão, expondo uma realidade contemporânea profundamente violenta e desigual. De forma a entender poeticamente essa conjuntura histórica, o artista revisita elementos visuais que ajudaram a criar essa situação, indo desde grandes pinturas da Arte brasileira até imagens cotidianas de grande circulação, muitas delas aparentemente “inofensivas”, tais como brinquedos e *stickers*, mas que carregam implícitas enorme carga de violência histórica

Nos trabalhos de natureza pictórica, o artista insere sobre uma tela vários elementos presentes na visualidade popular, que vão desde imagens de natureza colonial, até aquelas associadas a religiões de matriz afro-brasileira. Através dessas obras, Jaime Lauriano opera uma espécie de resignificação, com elementos como a palavra “Axé”¹, ou figuras sagradas como o Preto Velho², atuando contra a violência colonial e trazendo proteção espiritual.

Também estão presentes alguns trabalhos recentes de natureza cartográfica. Mapas são um elemento amplamente empregado em processos de invasão e esquadramento de territórios subordinados. Nessas obras, contudo, o artista executa esses mapas por meio da pomba, giz utilizado em territórios de religiões afro-brasileiras. Ao mesmo tempo em que ele insere em seus mapas territórios e nomes associados à cartografia histórica, acrescenta também objetos e signos visuais associados ao colonialismo, ao racismo e à violência contemporânea.

1 Axé: palavra em idioma lorubá (língua africana originária da região da Nigéria) que significa “energia”, “poder” ou “força”.

2 Preto Velho: entidade presente na Umbanda (religião de matriz africana originada no Brasil) que consiste em um espírito que se manifesta sob o arquétipo de um idoso africano. Associados a sabedoria, ternura e paciência, trazem amor e esperança para aqueles que protegem.

Invasão de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500 também é um desdobramento de uma pesquisa que Jaime Lauriano vem realizando desde 2022. Neste grupo de trabalhos, o artista faz uma releitura de pinturas acadêmicas produzidas entre a segunda metade do Século XIX e início do Século XX, que representam de forma idealizada fatos da História do Brasil, em geral colocando agentes colonizadores em poses heróicas. A tela do trabalho em questão é uma pintura datada de 1900, pintada por Oscar Pereira da Silva, que representa a chegada dos primeiros portugueses ao que viria hoje ser o território brasileiro. Jaime esvazia a cena de pessoas e personagens, mantendo apenas o cenário e inserindo nele uma profusão de stickers, que ora aludem a violência colonial, ora a elementos de resistência. Acima, na moldura, miniaturas de soldados e figuras populares ligadas a religiões de matriz afro, como o Zé Pilintra³, aparecem dispostos de maneira a simular um combate.

Padrão dos Descobrimentos discute sobre a colonização portuguesa de maneira mais ampla, revisitando para isso o monumento de mesmo nome situado na cidade de Lisboa, projetado na década de 1940, cujo objetivo é o de homenagear os envolvidos na expansão marítima portuguesa e

³ Entidade presente em religiões de matriz afro-brasileiras, considerado o espírito patrono de bares, locais de jogo e sarjetas, por vezes associado a malandragem.

na construção do Império Colonial daquele país. Aqui, contudo, o imponente marco é reduzido a uma miniatura de latão fundido, cujo material foi extraído de cartuchos de munições recolhidos em áreas de conflito do Brasil, mostrando que o feito celebrado em Portugal foi responsável por criar conflitos até hoje existentes mundo afora.

A mostra também conta com o filme *Cantando na Chuva*, de 2023, que consiste no primeiro trabalho do artista em linguagem cinematográfica. Nesse filme, realizado em parceria com o Coletivo Legítima Defesa, o artista faz uma releitura do clássico de mesmo nome estrelado por Gene Kelly, porém usando como ponto de partida um episódio de violência racial ocorrido no Rio de Janeiro em 2018, no qual um homem negro foi assassinado pela polícia após ter um guarda chuva que portava confundido por esses últimos com um fuzil.

Nas palavras de Igor Simões, curador da exposição: “Essa exposição existe, exatamente porque vocês não querem saber do lixo que foi, simultaneamente, rastro e lastro da experiência de um continente fundado a partir da colonização.”



*Invasão de Pedro Álvares Cabral
em Porto Seguro em 1500, 2023*
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta, miniaturas em chumbo
e estampas sobre mdf
142 x 200,5 x 4 cm





Em 1500, aportam no litoral brasileiro, a caravela portuguesa de Pedro Álvares Cabral, dando início ao longo e ainda ininterrupto processo colonizador do país. Entre os séculos XVI e XIX, o tráfico atlântico foi o principal motor econômico de um Ocidente dependente de mão de obra escravizada, no qual acredita-se que o Brasil recebeu aproximadamente cinco milhões de corpos negros escravizados. Os números são resultados do envolvimento do país com 70% dos tumbeiros saídos do continente africano. As rotas de comércio de corpos e mercadorias dos navios também serviram como financiamento da continuidade do processo colonial. Naquele momento, mapas eram inventados a partir de visões imperiais fazendo da geografia um campo de invenção e domínio.





AQUI É O FIM DO MUNDO

Jairne Lauriano

HERE IS THE END OF THE WORLD

É urgente decretar o fim do mundo. Já foi decretado o fim da história, o fim da arte, o fim das grandes narrativas. Tera epílogos têm o sentido principal de demonstrar que quase ninguém foi incluído nas versões oficiais das lutas. No centro das praças, heróis angariados, militares, facínoras. Nos símbolos nacionais, parcos idealizados, santificáveis, evocados de gente, servindo ao consumo e ao turismo. Nas periferias das cidades, os tanques militares, os cemitérios, as praças. Em contrapartida, os usufrutos da terra, da praça, das salas principais se destinam aos brancos da elite. Aos racializados, a limpeza, o servi, as emoções vorpares esufizadas.

Jairne Lauriano traz, em "Aqui é o fim do mundo", novas histórias, outras histórias, refletindo em quase anos de sua trajetória. A esperança é de ainda poder mexer nas grandes narrativas, anulando-as, manchando as pinturas, derrubando os monumentos. Ainda há um tempo, segundo Kitaru Koyab, de contar novas histórias. Um dos gestos mais repetidos da descolonialidade é justamente o de encontrar as imagens oficiais, e incluir as que ficaram subalternizadas nas narrativas, fora dos bandeiros e dos projetos nacionais, obviamente, os afrodescendentes e os povos originários do Brasil. Com monumentos, como nos interiores Achille Mbembe, nunca mantem, como passado, "um trabalho consciente de simbolização". Muito ao contrário, as várias demarcações se inscrevem sobre as imagens e sobre os espaços comuns, nas ruas e nos muros. O resultado são caminhos variadas de contraponto às subalternizadas, mantendo o culto aos que Mbembe denomina "espíritos canchais".

Para além dos acontecimentos memorializados pelos monumentos, outras sobrevivências se tornam pontos de lutas e revoltas. É Jairne Lauriano escreve no portal principal do livro "a história do negro e uma fidelidade guerreira", adaptando os versos do mestre Gilberto Gil dedicados a um herói que morreu trinta anos para ser reconhecido: Zumbi dos Palmares. Ou seja, além de contar suas histórias, ainda se alinha o caminho de uma fidelidade guerreira, nas manifestações públicas, nos pontos sociais, nos terrenos, nas ruas e na banalidade de um cotidiano quotidiano e inclusivo.

Amanda Bonan
Marcelo Campos
Amanda Rezende
Thaynã Trindade
Jean Carlos Azuio



Small informational label below the main artwork.

vista da exposição
Aqui é o fim do mundo, 2022
Museu de Arte do Rio (MAR)
Rio de Janeiro, Brasil
foto: Rafael Salim

Pedras portuguesas # 15
(Calabar), 2023
pedras portuguesas,
caixa de ferro e cimento
10 x 100 x 150 cm







CALABAR

A rectangular mosaic tile sign is mounted on a light-colored, textured wall. The sign features a background of irregular, light-colored mosaic tiles in shades of beige and cream. The word "CALABAR" is prominently displayed in the center of the sign in a bold, black, sans-serif font. The letters are filled with a dark, solid color, creating a sharp contrast with the light mosaic background.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
SECRETARIA DA CULTURA, VIVO, ITALY E (AN)DI
TERRA FOUNDATION FOR AMERICAN ART APRESENTAM (PRESENT)

#historiasafroatlânticas

HISTÓRIAS AFRO-ATLÂNTICAS

Histórias afro-atlânticas apresenta uma seleção de 430 trabalhos de 214 artistas, do século 19 ao 21, em torno das "luas e refluxos" entre a África, as Américas, o Caribe, e também a Europa, para usar a famosa expressão do etnólogo, historiador e ilustrador francês Pierre Verger.

O Brasil é um território central nas histórias afro-atlânticas, pois recebeu aproximadamente 40% do total de 11 milhões de africanos e africanas que desembarcaram compulsoriamente neste lado do Atlântico, ao longo de mais de 300 anos. Também foi o único país a abolir o comércio escravil com o Lei Áurea de 1850, que posteriormente não pôs um projeto de integração social, perpetuando as altas desigualdades econômicas, políticas e raciais. Por outro lado, a protagonista brasileira nessa história foi com que logo se desenvolveu uma rica e profunda presença das culturas africanas.

Histórias afro-atlânticas parte do desejo de reconstituir de modo paralelo, fluído e dialógico entre os culturas eurasias das tentativas afro-atlânticas – suas histórias, rituais, cultos e filosofias. O Atlântico Negro, no pensamento de Paul Gilroy, é uma geografia sem fronteiras precisas, um campo fluído, em que experiências africanas tendem a escapar entre as luas, tentativas e culturas.

A expressão luas em contru a palavra planet e polifônica de "histórias", esse termo que em português (diferentemente do inglês) abrange tanto a luação como a não luação, os narrativas pessoais, públicas, econômicas, culturais e ideológicas. Essas histórias possuem uma qualidade paradoxal: abstrata e espacializada, em oposição ao caráter mais concreto e definido das narrativas tradicionais. Nesse sentido, a expressão não se propõe a registrar um momento fixo, objetivo e completo, mas antes a incluir novas debates e questionamentos, para que as histórias afro-atlânticas sejam reconstruídas, revisadas e reavaliadas.

A expressão não segue um ordenamento cronológico ou geográfico, sendo dividida em oito histórias temáticas que tensionam diferentes temporalidades, territórios e sujeitos, nos dois hemisférios que integram o projeto: NA MASP, MARRS AND MARRINGS, CORDONADOS, BILLS E BILLS AND BIRTHS, e FORBIDDEN (FOR BORN), along with AFRO-ATLANTIC MODERNISM (FOR AFRICA) and ROUTES AND TRANCES, AFRICAS, AFRICA AND AFRICA beyond atlantic. At last, Some Choice EMANCIPATIONS and RESISTANCES AND ACTIVISM. At MASP, the program includes an entire year of exhibitions, talks, courses, workshops, publications and screenings on Afro-Atlantic histories. The program started with six exhibitions devoted to the work of Mônica Azeiteiro, Alejandro and Emprerí Anzola, and will continue with Malala Edwards, Soreia Gomes, Ruben Hestera, Lucio Lopez and Pedro Teyssie. The anthology is a key part of the program and gathers work by 44 authors as a result of two international conferences in 2016 and 2017. This far museum itself becomes a platform that is multiple and diverse, plural and polyphonic.

Na MASP, a mostra contemplará os temas de um ano de exposições, palestras, cursos, oficinas, publicações e programação de filmes em torno das histórias afro-atlânticas. O programa iniciou-se com as exposições de Mônica Azeiteiro, Alejandro e Emprerí Anzola e se completará com as de Malala Edwards, Soreia Gomes, Ruben Hestera, Lucio Lopez e Pedro Teyssie. A Antologia é uma parte chave do programa e reúne trabalhos de 44 autores em resultado de dois seminários internacionais realizados em 2016 e 2017. Desta maneira, o museu se torna, ele mesmo, um espaço plural e polifônico, múltiplo e diverso, plural e polifônico.

Afro-Atlantic Histories presents a selection of 430 works by 214 artists, ranging from the 19th to 21st centuries and centered on the "lunas and refluxes" among Africa, America, Caribbean and also Europe, to borrow the famous phrase by Pierre Verger, the French ethnologist, photographer and illustrator who made Bahia his home.

Brazil is a central territory in the Afro-Atlantic histories, having received about 40% of the roughly 11 million Africans brought against their will to this side of the ocean throughout more than 300 years. The country also was the last to and the slave trade with the so-called Golden Law of 1850, which perversely did not include any social integration plan, setting the stage for enduring economic, political and racial inequalities. On the other hand, Brazil's leading role in those histories also served here a rich and lasting legacy from African cultures.

Afro-Atlantic histories is motivated by the desire and need to show parallel, fluído and dialogic around the visual cultures of Afro-Atlantic territories – their experiences, creations, worlding and philosophy. The so-called Black Atlantic, to use the term coined by Paul Gilroy, is a geographic lacking precise borders, a fluid field where African experiences invade and occupy other nations, territories and cultures.

The plural and polyphonic quality of "histórias" is also of note, unlike the English "stories", the word in Portuguese carries a double meaning that encompasses both fiction and non-fiction, personal, political, economic, cultural as well as ideological narratives. Histórias possesses a paradoxical, open and speculative quality, as opposed to the more monolithic and definite character of the grand narrative of modernized history. In this sense, the exhibition does not aim to display such an objective and complete subject but instead tries to encourage new debates and questions so that our Afro-Atlantic histories can be Reconstructed, revised and re-evaluated.

The exhibition works in chronological or geographical organization, instead being divided into eight thematic sectors – which gather works from different seas, territories and media, on both hemispheres to organize the project: NA MASP, MARRS AND MARRINGS, CORDONADOS, BILLS AND BIRTHS, and FORBIDDEN (FOR BORN), along with AFRO-ATLANTIC MODERNISM (FOR AFRICA) and ROUTES AND TRANCES, AFRICAS, AFRICA AND AFRICA beyond atlantic. At last, Some Choice EMANCIPATIONS and RESISTANCES AND ACTIVISM. At MASP, the program includes an entire year of exhibitions, talks, courses, workshops, publications and screenings on Afro-Atlantic histories. The program started with six exhibitions devoted to the work of Mônica Azeiteiro, Alejandro and Emprerí Anzola, and will continue with Malala Edwards, Soreia Gomes, Ruben Hestera, Lucio Lopez and Pedro Teyssie. The anthology is a key part of the program and gathers work by 44 authors as a result of two international conferences in 2016 and 2017. This far museum itself becomes a platform that is multiple and diverse, plural and polyphonic.



MOÇAMBIQUE

vista da exposição
Histórias Afro-Atlânticas, 2018
Museu de Arte de São Paulo (MASP)
São Paulo, Brasil



ANGOLA
A história da Angola é marcada por séculos de resistência e luta por liberdade. O país foi colonizado por Portugal e sofreu com a exploração e a escravidão durante a época colonial. A luta pela independência começou no final da década de 1950 e se intensificou na década de 1960, culminando na declaração de independência em 11 de novembro de 1975. Desde então, o país tem enfrentado desafios políticos e econômicos, incluindo conflitos armados e instabilidade política.

A31

ANGOLA

vista da exposição
Histórias Afro-Atlânticas, 2018
Museu de Arte de São Paulo (MASP)
São Paulo, Brasil

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO
RUA VILLAGE CLAY
1405-002 SÃO PAULO - SP

O Condor e o Canarinho, 2023
revistas, jornais, postais, adesivos,
rótulos e miniaturas em latão
110 x 455 x 3 cm







Os anos que vão do início da década de 1960 até o início da década de 1980 marcaram a América Latina por um período que no Brasil, foi nomeado como “os anos de chumbo”, quando em todo o sul do continente americano, ditaduras civis-militares foram implementadas. Na década de 1970, uma operação internacional de cooperação entre esses países, tinha como função a perseguição de pessoas que foram consideradas subversivas. Essa operação foi chamada de Condor, recebendo o nome de uma das maiores aves das Américas. A operação Condor teve parte de seu financiamento e a elaboração de estratégias, mediados pelos governos estadunidenses do período e suas agências de inteligência. Até hoje, associações de pessoas em todos esses países lutam por justiça e pela reparação para aqueles que foram assassinados, torturados e desaparecidos durante as ditaduras. No mesmo período, o futebol e a cultura popular serviram como instrumentos indispensáveis para simular a sensação de normalidade e nacionalismo propostas pelos militares.





vista da exposição
Aqui é o fim do mundo, 2022
Museu de Arte do Rio (MAR)
Rio de Janeiro, Brasil
foto: Rafael Salm

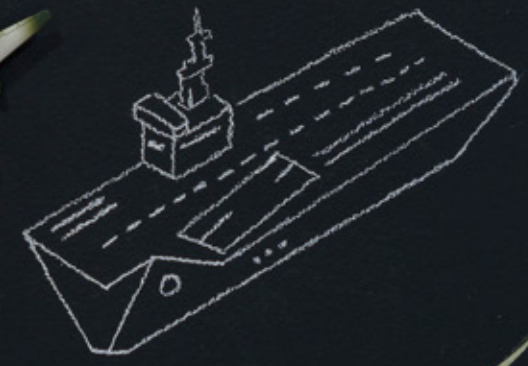
Meu sangue latino,
minh'alma cativa # 1, 2023
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta e estampas sobre mdf
175 x 221 x 7 cm

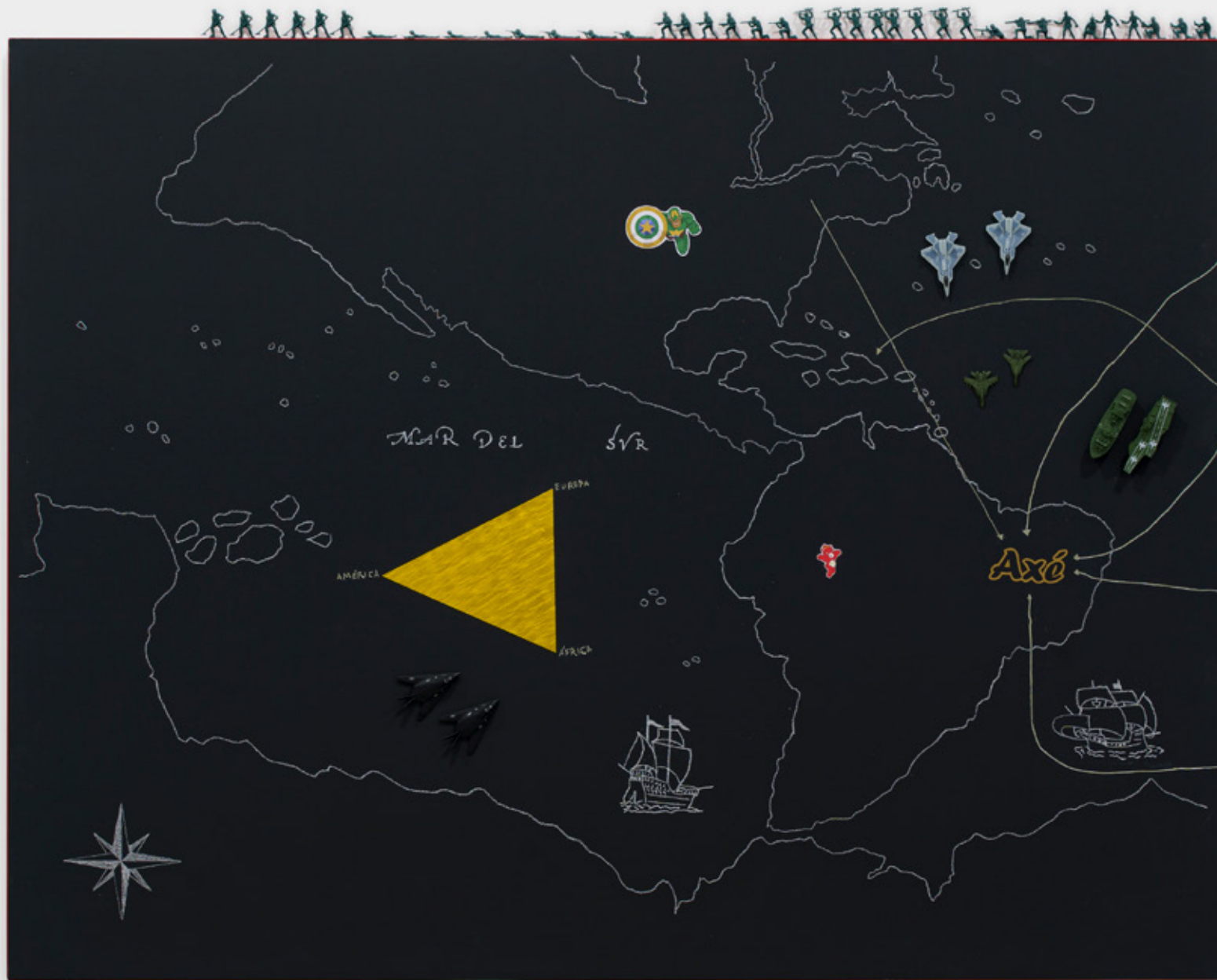


M A R

D E L

N O R T





Meu sangue latino,
minh'alma cativa # 2, 2023
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta e estampas sobre mdf
179 x 221 x 11 cm



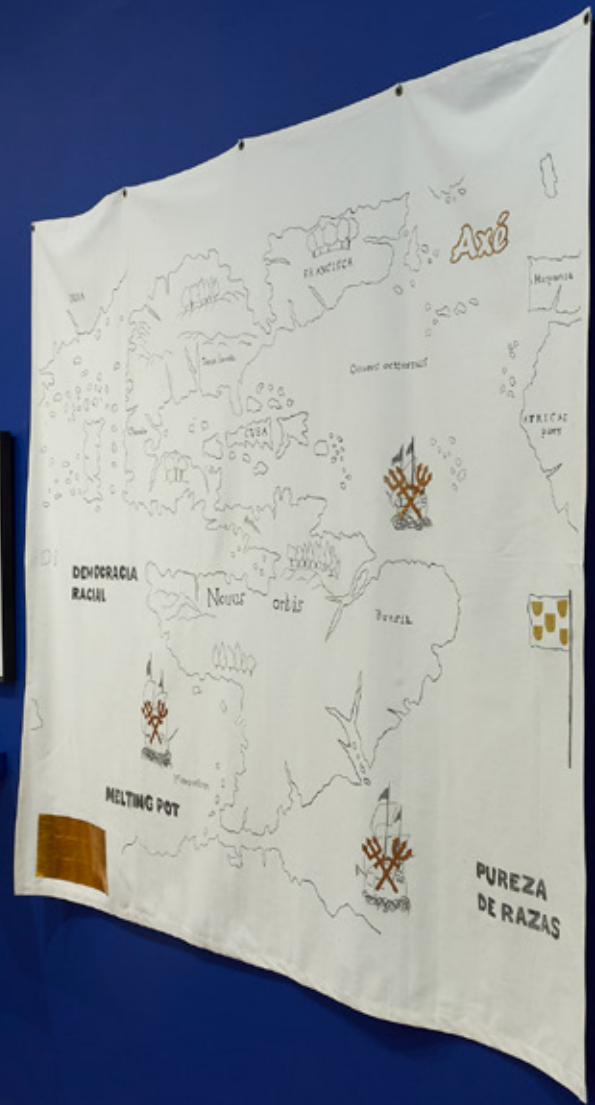
SVR

Axó





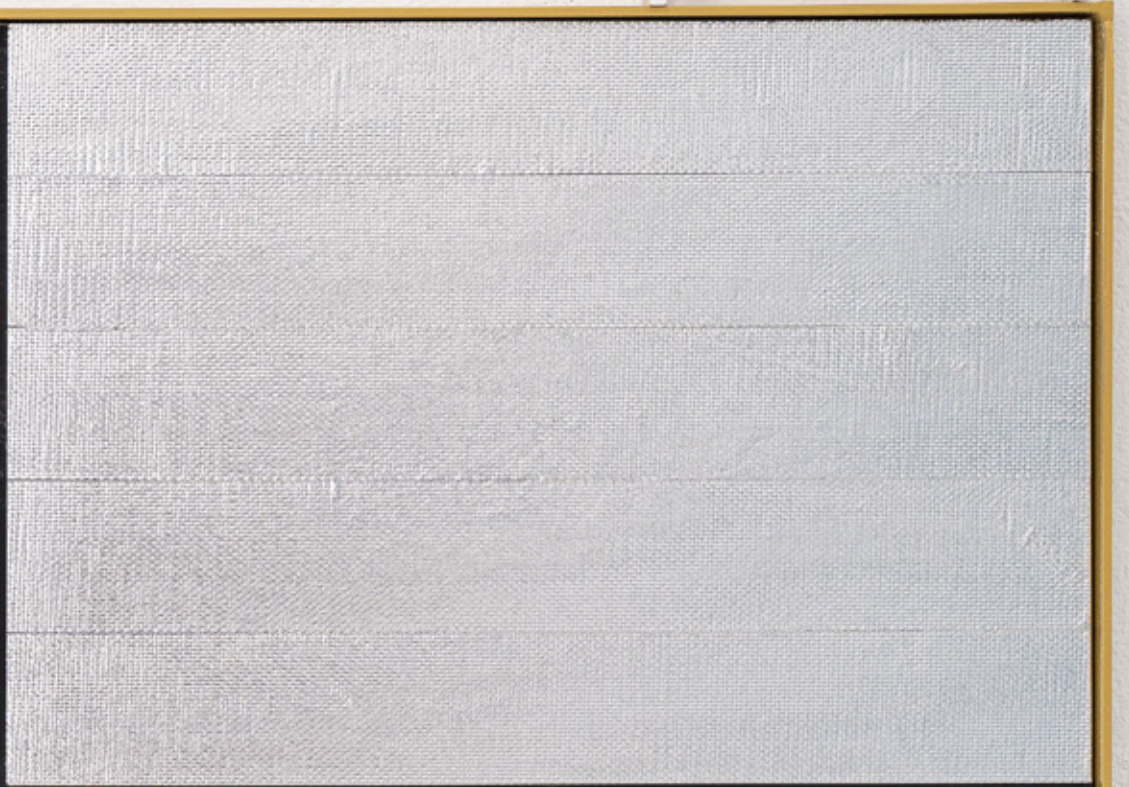
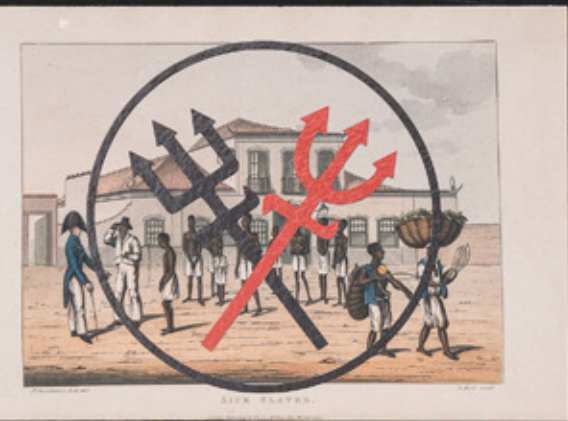
vista da exposição
Aqui é o fim do mundo, 2022
Museu de Arte do Rio (MAR)
Rio de Janeiro, Brasil
foto: Rafael Salim



vista da exposição
El Dorado: Myths of Gold, Part I
Americas Society
Nova York, EUA, 2023



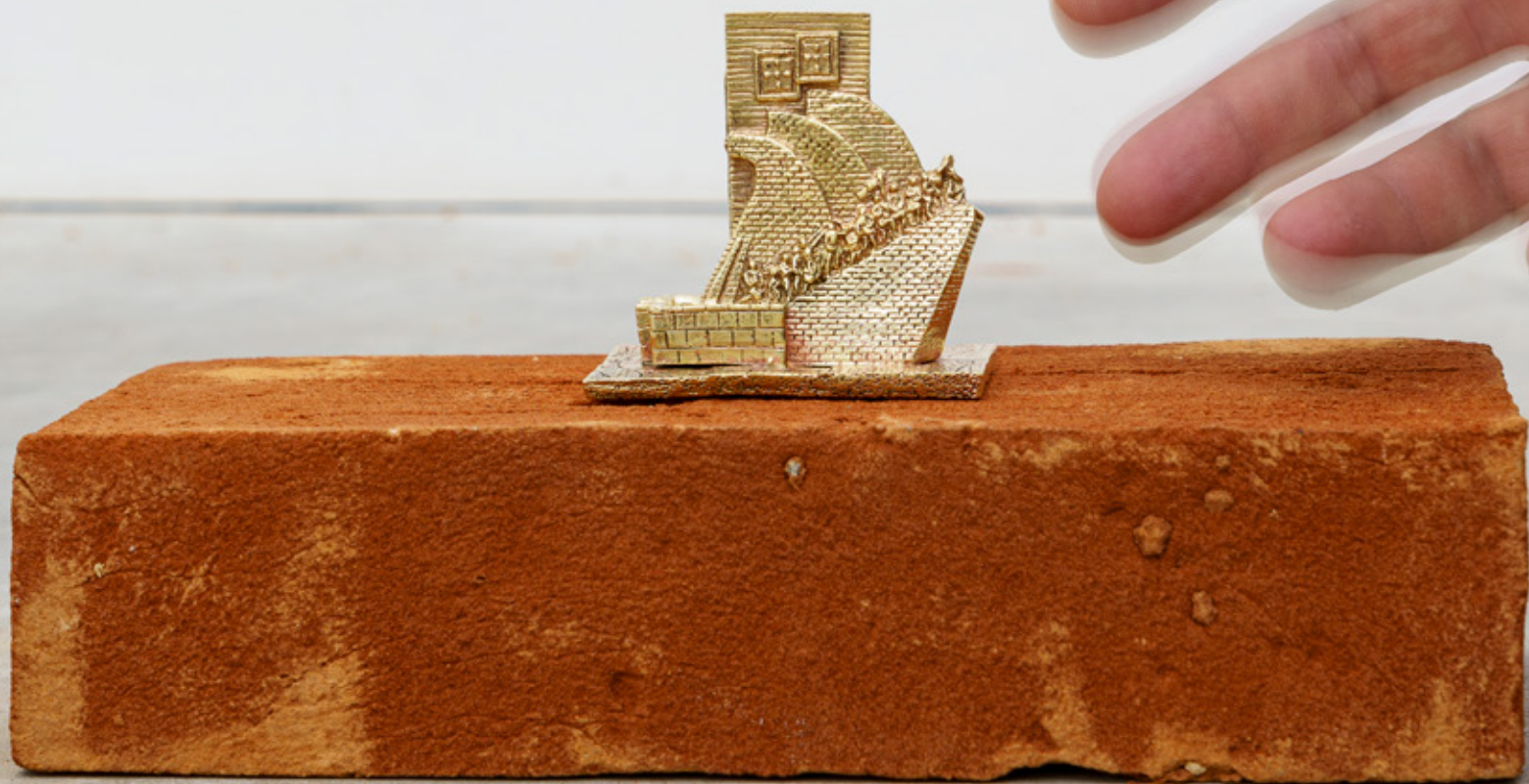
These songs of freedom, 2022
acrílica, adesivos, estampas,
fita autoadesiva prateada,
impressão jato de tinta e
miniaturas em madeira sobre mdf
80 x 120 cm



Padrão dos descobrimentos, 2023
base de tijolo vermelho e
réplica do *padrão dos descobrimentos*
fundida em latão e cartuchos
de munições recolhidas em áreas
de conflito no Brasil
edição de 5 + 2 PA
11,5 x 22 x 10 cm









vista da exposição
Brinquedo de furar moletom, 2018
intervenção *site-specific* na varanda
do MAC Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
foto: Rafael Ardoján



vista da exposição
Brinquedo de furar moletom, 2018
intervenção *site-specific* na varanda
do MAC Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
foto: Rafael Ardoján



Quando a gira girou, 2022
tinta acrílica, adesivos,
impressão jato de tinta,
quartinhos de barro, estampas
e fita autoadesiva reflexiva
prateada sobre mdf
97 x 120 x 3,5 cm



CONVICTS.

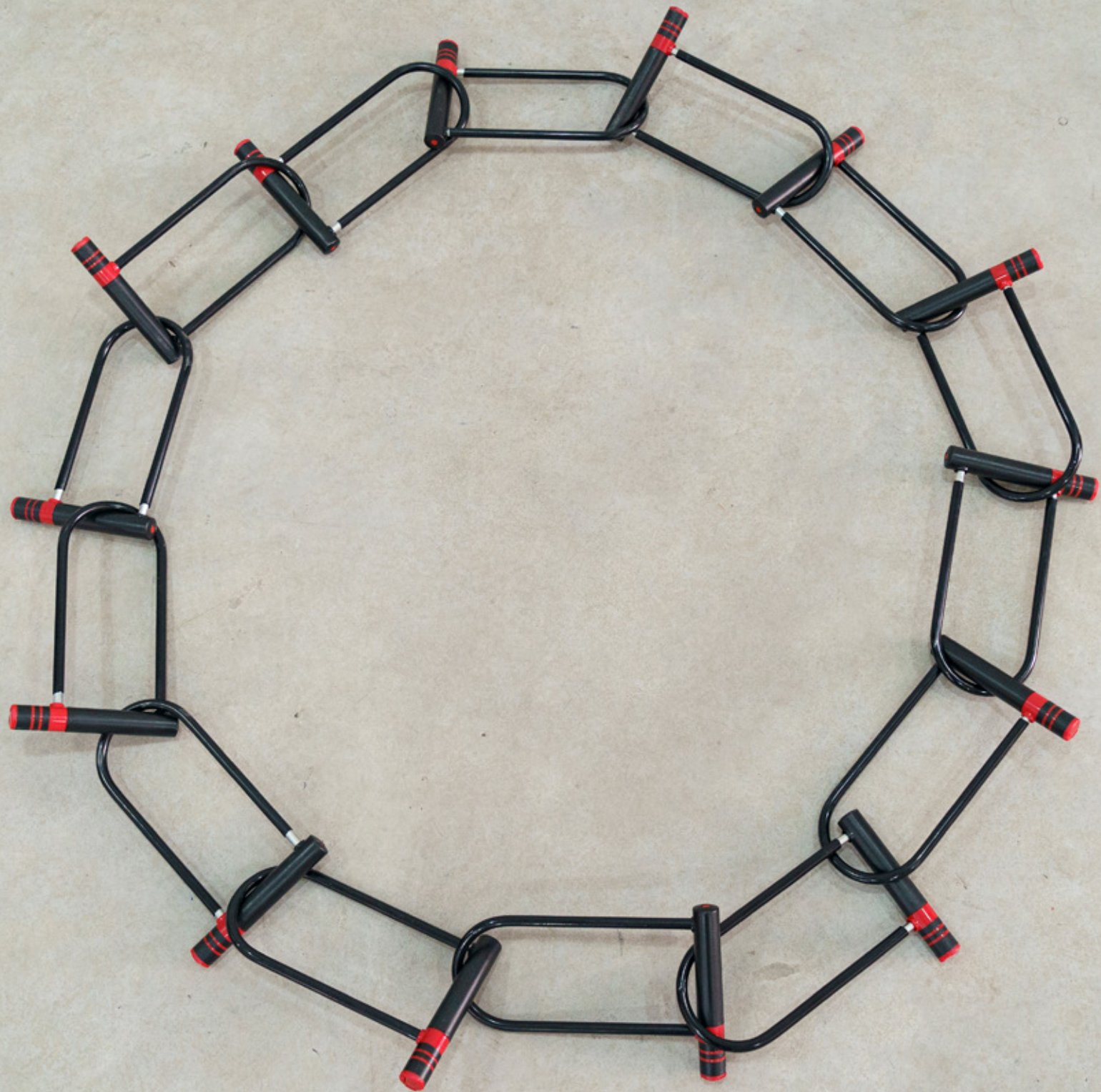






A Dança, 2023
cadeados de bicicleta
Ø 150 cm







Em 1952, a maior indústria de entretenimento do ocidente fazia chegar às telas de cinema de todo o mundo, o musical *Cantando na Chuva*. A sequência de Gene Kelly dançando sob a chuva é um evento constituinte da cultura visual em diferentes partes do planeta. O guarda chuva do personagem é um dos elementos chaves da cena, que inclui a chegada de um policial que de forma amena, repreende o dançante. Em 2018, um homem negro de 26 anos foi assassinado pela polícia do Rio de Janeiro. Segundo testemunhas e a própria imprensa, os três tiros que mataram Rodrigo Alexandre da Silva Serrano foram disparados sob a alegação de que os policiais confundiram o guarda chuva de Rodrigo com uma arma. O corpo de Alexandre, trabalhador e pai de dois filhos, jazia sob a chuva.

Jaime Lauriano
e Coletivo Legítima Defesa
Dançando na Chuva, 2023
[detalhe de still]
vídeo
30'

jaime lauriano

n. 1985, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Artista multimídia, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira por meio de vídeos, instalações, textos, pinturas e esculturas, tensionando marcadores sociais e narrativas históricas a partir de proposições críticas, seus trabalhos são capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Why don't you know about western remains?*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Aqui é o fim do mundo*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Paraíso da miragem*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2022)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *37º Panorama da Arte Brasileira*, São Paulo, Brasil (2022)
- *Social Fabric: Art and Activism in Contemporary Brazil*, Visual Arts Center, The University of Texas, Austin, EUA (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022); Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2022)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil, 2021
- 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018)

coleções selecionadas

- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art